

**A FESTA DE IEMANJÁ:  
APENAS UM OLHAR SOBRE O “ dois DE FEVEREIRO”  
EM AREMBEPE, BAHIA.**

**2005**

**Sergio Burihan e André Zielonka**

## **INTRODUÇÃO**

As festas religiosas no Brasil sempre foram e, pelo que temos visto, sempre serão um bom motivo para as investidas dos estudos de ordem sócio histórico e cultural. Seja através da busca de se reconstruir uma relação mística entre o passado representativo e a confirmação de uma identidade étnica e cultural. Ou mesmo a elementar manutenção de um ritual simbólico religioso.

Dentre essas festas, uma em especial e de origem africana é comemorada em todo Brasil por milhares de pessoas: “a festa de Iemanjá”. Praticamente não existe um cidadão brasileiro que nunca tenha ouvido uma estória arrolada a rainha das Águas. Ou até mesmo que não tenha suplicado suas bênçãos, seja na beira da praia ou em lagos, diques, rios e até cachoeiras espalhados por boa parte do território nacional.

Pessoas ligadas ao Candomblé, a Umbanda, ou outras ramificações religiosas do gênero, mesmo Católicos dos mais fervorosos lançam suas flores, pulam suas ondas na festa de passagem de ano e fazem seus pedidos a Iemanjá em suas muitas concepções elucidativas. Nos demonstrando a imensa representatividade dessa divindade no imaginário coletivo do povo.

Dedicamos atenção a festa de 2 de fevereiro de Arembepe na Bahia (pequena vila de pescadores que ainda mantém viva a tradição do cortejo para Iemanjá), lançando apenas um olhar; um simples olhar sobre a festa e alguns de seus personagens que por hora em singelas palavras tentaremos lhes apresentar:

**“...ô marinheiro é hora,  
é hora de ir para o mar”.**

(canção de domínio popular).

## **A IMPORTÂNCIA DA “DIVINA DAS ÁGUAS”.**

Difícil de explicar o que sentimos a cada ano que temos a oportunidade de passar o dois de fevereiro em Arembepe na Bahia, é como se fossemos levado por uma força espiritual tão grande e tão generosa que todo instante nos sentíssemos mais entregues as bênçãos despejadas através dos cânticos e das oferendas destinadas à sua majestade a Rainha do Mar, a Mãe protetora das Águas, a que de acordo com os devotos nos dá a alegria dos peixes e a certeza da volta segura pela barra adentro. A dona Janaina, a Iemanjá. Segundo Pierre Verger, respeitável pesquisador da cultura afro-brasileira (principalmente quando se fala em religiosidade):

“Iemanjá: cujo nome deriva de Yèyé Omo ejá, “mãe cujos filhos são peixes”; seria filha de Olóðkun, Deus (em Benim) ou Deusa (em Ifé) do mar. É uma divindade muito conhecida no Brasil. Seu axé é assentado sobre pedras marinhas e conchas, guardadas numa porcelana azul. O sábado é o dia da semana que lhe é consagrado, juntamente com outras divindades femininas. Seus adeptos usam colares de contas de vidro transparente e vestem-se de azul-claro. Na dança, suas iaôs imitam o movimento das ondas flexionando o corpo e é saudada com gritos de “Odò Iyá!!!”(mãe do rio)”.(VERGER, 1981, p63).

A aparente influência exercida pela divindade sobre a comunidade de pescadores, é algo admirável, uma vez presente em sua comemoração é o bastante para notarmos o respeito e a devoção que toma conta dos agraciados pelas bênçãos da Rainha das Águas. As histórias de velhos “lobos do mar” (velhos pescadores), que se safaram de inúmeras situações de risco por serem atirados aos desafios deste temível mundo nas profundezas azuis do oceano, mar afora. Muitos pescadores se dizem salvos pelos longos cabelos da Rainha que serviram de cabos (cordas, no linguajar dos marinheiros), ou pelo manto sagrado que a envolve, onde aliviaram suas dores. As mesmas. Das mulheres a espera de seus homens, em cinzentos dias de mar bravio. Como nos relata Reginaldo Prandi em seu livro *A Mitologia dos Orixás*:

“Iemanjá afoga seus amantes no mar, dona de rara beleza e como tal, mulher caprichosa e de apetite extravagante. Certa vez saiu de sua morada nas profundezas do mar e veio a terra em busca do prazer da carne. Encontrou um pescador jovem e bonito e o levou para seu líquido leito de amor. Seus corpos

conheceram todas as delicias do encontro, mas o pescador era apenas um humano e morreu afogado nos braços da amante. Quando amanheceu, iemanjá devolveu o corpo à praia. E assim acontece sempre, toda noite, quando lemanjá Conlá se encanta com os pescadores que saem em seus barcos e jangadas para trabalhar. Ela leva o escolhido para o fundo do mar e se deixa possuir e depois o traz de novo, sem vida para a areia. As noivas e as esposas correm cedo para a praia esperando pela volta de seus homens que foram para o mar, implorando a lemanjá que os deixe voltar vivos. Elas levam para o mar muitos presentes, flores, espelhos e perfumes, para que lemanjá mande sempre muitos peixes e deixe viver os Pescadores.” (PRANDI, 2001, p390).

Observamos que a semana que antecede a festa de lemanjá trás uma nova vida para toda a comunidade. Não só aos pescadores e seus familiares, mas a grande maioria dos moradores se prepara para realizar seus pedidos e se empenham para ofertar seu presente à “Mãe das Águas”, esperando que estes agrados caiam no gosto da divindade. Rezam seus pedidos, choram suas lágrimas, derramam suas lamentações e suplicam do fundo do coração. Tão profundamente como dizem, que neste momento, abrem suas vidas e as assentam na imensidão azul onde eles asseguraram residir sua rainha. Sobre a força desta representação, Durkheim (apud SEGALEN,2002,p.21), deixa claro que os ritos são antes de tudo momentos de efervescência coletiva: *“As representações religiosas são representações coletivas que expressam realidades coletivas; os ritos são maneira de agir que só nascem dentro de grupos reunidos e que estão destinadas a suscitar, manter ou fazer renascer certos estados mentais desses grupos”*. Durante esta semana, os presentes deixam de ser simplesmente, sabonetes, colônias perfumadas, bonecas de louça e (ou) de pano, lembranças e miudezas em geral. Sentimos que durante essa semana, os presentes ganham um significado todo especial. Alias, eles recebem vários significados: eles rogam, agradecem, iluminam, sonham, distribuem, emanam, enfim, observamos que os presentes para lemanjá são preparados cuidadosamente com um pouco de cada habitante, dos mais carentes, aos mais abastados. É uma “fatura farturosa”, como nos diz Mestre Lua de Bobó. Orgulhoso por ser filho de *Dona Maria* e de *Tito Grosso*, que dizem ter sido um dos maiores pescadores de Arembepe, com fama de homem valente e que muitas vezes enfrentava as fúrias da barra grande (passagem marítima), contanto com a proteção. Mestre Lua de Bobó, nascido Edvaldo Borges da Cruz, 54 anos, arembepero de nascença. Um dos mais representativos mestres de Capoeira Angola da Bahia, dono de um estilo de vida simples. Homem sereno e justo. Mas como muita ginga no corpo e muita maestria ao ensinar a arte da capoeiragem em qualquer parte do mundo, ou na vila em seu espaço a beira-mar, onde todo fim de mês janeiro e início de fevereiro seu grupo realiza um encontro de capoeira que

atrai pessoas de diversos locais, brasileiros e estrangeiros. Ele foi a pessoa responsável. Foi quem nos trouxe a Arembepe e nos proporcionou o conhecimento de tudo que diz respeito a seu povo. Este pequeno distrito que pertence ao município de Camaçari, chega a nos encantar. Note o tratamento que Jorge Amado, influente escritor brasileiro e que tão bem retratou as belezas da Bahia a ele dedicou: *“Essa praia de Arembepe é um sonho, vila de pescadores e mar de espantos, não pode haver maior formosura”*. (AMADO, 1983, P. 84).

Arembepe situa-se 60 km ao norte da capital Baiana. Local escolhido pelos hippies desde os anos sessenta para se manter uma aldeia (comunidade), muito bonita e impecavelmente localizada em um trecho de areia branca repleta de coqueiros. Entre o mar e uma lagoa formada pelo Rio Capivara. Arembepe, cujo nome, segundo seus moradores se origina do tupi guarani e significa “aquilo que nos envolve”, mantém algumas tradições que ainda hoje resistem às transformações culturais que vem sofrendo grande parte das festividades populares. Entre estas expressões de cultura, uma em particular e de forte apelo religioso, ano após ano vem chamando a atenção das pessoas (freqüentadores e veranistas) e de pesquisadores do Brasil e de outros países do mundo, que fazem questão de presenciá-la com assiduidade: O 2 de Fevereiro. “A festa de Iemanjá”.

No Brasil, Iemanjá é sincretizada com Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Festejada no dia 8 de dezembro, na Bahia, porém as pessoas fazem abstração do sincretismo que liga Oxum a Nossa Senhora das Candeias, festejada no dia 2 de fevereiro. E tornam este dia um dos mais festejados no calendário anual. A festa de Iemanjá da comunidade de Arembepe em comparação a grandiosidade da notória festa do Rio Vermelho em Salvador, nos dá a clara idéia da ressignificação que vem sofrendo grande parte das manifestações tradicionais do povo brasileiro. A comemoração desta divindade na capital baiana se tornou tão ostentosa que já existem camarotes com trios elétricos para animar ainda mais a festa. Não pretendemos acreditar que isto tenha roubado a essência da festa, nem tão pouco sua força espiritual. Mas nos fica embaraçoso separar onde começa uma festa sagrada e onde termina uma festa de enorme badalação. E de acordo com o antropólogo brasileiro Antonio Augusto Arantes (1981, p20): “os gestos, movimentos e palavras, em que pese todo o aperfeiçoamento técnico possível tendem a perder o seu significado primordial. Eles deixam de ser signos de uma determinada cultura para se tornarem representações que outros se fazem dela”.

Já na modéstia e na brandura de Arembepe, nós, conseguimos ao menos escutar as rezas, se emocionar com as bênçãos e nos deixar envolver em fumaças admiráveis, proferidas pelas mãos das mais consagradas devotas do local que balançam seus defumadores descarregando alegria e despejando afeto. “Odo Iyá, minha mãe Odo Iyá”, saudação enunciada a todo

instante por suas filhas nitidamente entregue aos ofícios do dia. Nesta pequena vila de pescadores, torna-se fácil aceitarmos e compreendermos o que há na comunidade, conforme Roger Bastide (1989): *“A religião parece bem unida aos outros elementos da vida social. (...) permiti-nos descobrir a vida cotidiana dos habitantes, os gestos de todos os dias, o que é essencial para uma melhor compreensão do conjunto sociedade/cultura”*.

### **PERSONAGENS DE UMA MANHÃ DE FÉ.**

Dedicamos esta parte do texto aos moradores do local que tão singularmente trazem em sua desenvoltura as marcas da simbologia desta festa religiosa, que traduzem em seus gestos, em seus trejeitos ou simplesmente em seus humildes cantos e olhares toda a importância e volúpia de tal manifestação. Em seu livro Orixás, Pierre Verger nos exhibe o seguinte perfil das contemplativas seguidoras desta divindade das águas: “As filhas de Iemanjá são voluntárias, fortes rigorosas, protetoras, altivas em algumas vezes, impetuosas e arrogantes; têm o sentido da hierarquia, fazem-se respeitar e são justas, mas formais; põem à prova as amigas que lhe são devotas”. (VERGER, 1981,p84).

Perseverando tal tradição acompanhamos que em Arembepe não poderia ser diferente; Dona Celina, mãe de santo sexagenária, sempre com suas roupas maravilhosamente alvas e belas, com seus presentes devidamente arranjados em uma cesta de vime que carrega soberana sobre a cabeça sai despejando perfume de alfazema por sobre as cabeças que diante dela fazem questão de se curvar; Dona Lindaura, uma bondosa senhora que traz consigo a verdadeira simbologia das devotas de Iemanjá na festa religiosa. Mulher forte, parteira da vila, 91 anos de idade e distribuindo bênção por onde passa com seus olhos singelos cobrindo as nossas presenças. É a dona da casa de onde se organiza o presente, que por sua vez, serve como ponto de partida do cortejo. Podemos sentir a autêntica demonstração de sua devoção e de sua fé. Estes são unicamente dois exemplos genuínos da grandiosa representatividade espiritual desta clássica manifestação sócio-cultural. E se tratando de representatividade, nos cabe um realce especial para a tradicional orquestra musical: uma pequena, porém muito afinada banda de música, comandada pelo maestro que orgulhosamente, ostenta seu saxofone e vai puxando o repertório. A banda, que nos parece sendo conduzida de pai para filhos ao longo de suas aparições, permanece em frente a casa de dona Lindaura, executando as antigas marchinhas de carnaval e as canções representativas ao dia (em homenagem a divindade), contentando a todos que aguardam pelo cortejo dos presentes. Cortejo que ao partir da casa segue em direção aos barcos à beira-mar que ansiosamente esperam para a saída da procissão marítima.

Dia de Iemanjá em Arembepe é dia de acordar cedo! Logo de madrugada já podemos ouvir os fogos de artifícios que além de saudar a

rainha do mar funcionam também como um toque de alvorada, despertando a todos. É dia de não dormir na véspera. É dia de ver o sol nascer e nos juntarmos a tantos outros que desfrutam deste ensejo na vida, como faz o filho de Dona Lindaura, experiente pescador de tarrafa dos corais de Arembepe, que sai bem cedinho para rezar os seus pesqueiros e agradecer pela dádiva da “mãe das Águas”.

Ainda sobre seus filhos e devotos, nem bem o dia 2 de fevereiro amanhece e Andréa (uma negra linda, recém saída da adolescência e com sorriso tão alvo quanto carinhoso), junto de sua prima Miriam (igualmente bonita e simpática), já estão prontas. Com as grandes painéis de metal sobre a mesa tradicionalmente posta na calçada, bem no coração (centro comercial) da vila, oferecendo o saboroso mingau que serve para reforçar a alimentação e dar sustância aos devotos e acompanhantes. Moradores locais e visitantes se deliciam destas iguarias tradicionais da culinária baiana: “milho, mungunzá, tapioca. Acrescido dos igualmente benfazejos cuscuzes de carimã, de milho e de tapioca. Verdadeiros deleites para se começar bem o dia”.

Como boa filha da terra e conhecedora de seus segredos, Miriam nos narrou que há alguns anos atrás, na noite que antecedia a “festa”, “Dona Lindaura” realizava uma queima de quadros (pinturas) na rua, enfrente a casa do presente. Afirmou que na fumaça que saia dos quadros revelava-se a imagem de lemanjá. Episódio este que para a moradora, faz muita falta hoje em dia, pois além da forte representação simbólica, era a coisa mais linda de se ver! Em certo instante, lembrou-se também que havia um homem que recebia (incorporava) sua entidade, denominada de “marujo”, despejando uma garrafa de cerveja malzebier inteirinha no orifício do próprio ouvido, nada lhe acontecia. Miriam findou nos dizendo que quantas cervejas abrissem quantas ele sorvia. Essa é uma das muitas histórias que contribuem para a mistificação e explicam o universo espiritual que envolve a Rainha das divindades com a comunidade e seus seguidores. E quanto mais se procure afirmações que comprovem tal veemência, mais nos deparamos com relatos de pesquisadores que facilitam em muito, determinada tarefa.

Possibilitamos alongar propositalmente o relato acima transcrito e pudemos observar que esta afirmação vem demonstrar a enorme variação de representação da divindade descrita no fenômeno sincrético religioso. Fato este que quando publicado, no entanto, já vinha acontecendo há algum

tempo na vida religiosa dos negros. Permitimos tal asseveração, após analisarmos os escritos do considerável pesquisador dos caracteres afros na comunidade Brasileira: o sociólogo Roger Bastide, contido no livro “As Religiões Africanas no Brasil”. Quando com muita qualidade nos descreve que:

“esse fenômeno (sincretismo), aliás, nada tem de genuinamente brasileiro e é mesmo anterior ao tráfico negreiro. A evangelização dos negros principiara na África um século ou dois antes do povoamento do Brasil, e alguns espíritos Daomeanos ou negros do Congo já tinham sido identificados com santos católicos”.(BASTIDE, 1989,p361).

Para seus contemplativos adoradores, independentemente da santa invocada, lemanjá protege, defende, castiga e mata. Por vezes se apaixona. E tem muitos amantes, os quais segundo as lendas, enamoram e levam para o fundo do mar. Sem falar das pessoas que de um modo diferente tornaram-se seus amantes também. Estas aproximações entre pesquisadores e a comunidade só tem acontecido, graças ao apoio de uma das figuras mais importantes e carismáticas dentro da comunidade de Arembepe, um antigo pescador, filho de uma família tradicional na história pesqueira do local: Senhor Lió, 70 anos de idade. Uma bondade de pessoa, um dos homens que fortemente resistem e lutam pela preservação de antigos costumes que fazem de Arembepe ao longo dos anos palco destas manifestações culturais. Em meio a tais manifestações podemos citar a “Chegança”. Seu Lió e seu filho são figuras constantes nos ensaios. “Seu Lió”, fica horas a nos contar os causos típicos dos homens do mar. Sempre que se encontra sentado em frente a sua casa tecendo uma de suas tarrafas, fato que aliás o faz muito bem, constatamos com segurança, pois passamos boa parte da vida em contato com pescadores e seus afazeres, na cidade de Caraguatatuba no litoral norte de São Paulo. O que nos entristece é que não temos acompanhado ninguém da nova geração de arembeperos dar continuidade a esta tão nobre arte. Seu Lió, com muita propriedade, sempre nos coloca a par de fatos e personagens que ilustram Arembepe e seus costumes com extensa cumplicidade. É um dos moradores que nos faz reportar ao passado em busca de conhecimentos que estão vagando, quase perdidos no tempo chegando até mesmo a comprometer o futuro da comunidade, E o desfruta com imponência e bom agrado.

Este ano, o barco escolhido foi o “Flor da Mangueira”. Com a procissão de barcos prestes a sair. A barra grande, uma passagem marítima entre o mar de dentro dos corais e o mar de fora, encontra-se em ritmo frenético. Notamos que as ondas (que comentam ser enviadas pela rainha), se chocam em explosões de águas nos arrecifes. Explosões que agregam efeitos

belíssimos. Servem para adornar ainda mais esta maravilhosa manhã festiva. E enquanto isto, o povo de Arembepe, como se diz por lá: “é só alegria”, odojá, minha mãe! Essa mesma “Alegria”, que podemos encontrar nas manifestações que segundo Durkheim, são chamadas de cultos positivos:

“... os cultos positivos estão ligados às festas. Associam comunhão através da ingestão de elementos sagrados e oblações (gestos e oferenda). Os cultos positivos são cultos periódicos, pois o ritmo que expressa a vida religiosa, expressa o ritmo da vida social. São geralmente alegres”. (SEGALEN,2002,p24).

Alegres como os capitães oferecendo ao povo suas destemidas embarcações. Vejamos o barco do presente, todo enfeitado, repleto de sonhos e pedidos, de oferendas e agradecimentos. Conduz o imaginário desejo coletivo de uma comunidade que deposita em seu livre navegar todas as esperanças de novas manhãs e novos dias, plenos de saúde, amor, prosperidade e muito, mas muito peixe. Esperanças estas, preparadas com muita prudência e devoção para a mais poderosa criatura das águas. Para termos uma idéia do seu poder sobre as águas, diz a lenda contida no livro de Prandi, acima citado, que:

“Em certa ocasião, os homens estavam preparando grandes festas em homenagem aos Orixás. Por um descuido inexplicável, se esqueceram de lemanjá, esqueceram de Maleleo, que ela também se chama assim. lemanjá furiosa, conjurou o mar e o mar começou a engolir a terra. Dava medo ver lemanjá, lívida, cavalgar a mais alta das ondas com seu abebé de prata na mão direita e o ofá da guerreira preso às costas. Os homens, assustados, não sabiam o que fazer e imploraram ajuda a Obatalá. (...)Quando a estrondosa imensidão de lemanjá já se precipitava sobre o que restava do mundo, Obatalá se interpôs, levantou seu opaxorô e ordenou a lemanjá que se detivesse. Obatalá criou os homens e não consentiria na sua destruição. Por respeito ao Criador, a dona do mar acalmou suas águas e deu por finda sua colérica revanche. Já estava satisfeita com o castigo imposto aos imprudentes mortais.”(PRANDI, 2001, p395)

A beleza contida na procissão dos barcos que seguem o presente de lemanjá, é um dos pontos altos da festa, até porque o embarque das pessoas e dos cestos de presentes na praia de Arembepe fica muito difícil. A barra é estreita e tem de ser feito somente de um barco de cada vez. Mesmo assim a comunidade se aglomera na areia para conseguir um lugar nas embarcações e pulando na água saem nadando em direção a elas, formando um alvoroço de gente e barcos que chega a impressionar aos mais desacostumados. Notamos que tem muita gente para pouca embarcação, mas tudo bem, esta contenda por uma vaga como tudo na vida tem sua recompensa. Uma vez que seguir a procissão barra afora, com um mar agitado e um lindo céu azul, é um momento dos mais iluminados do ritual. Durante a procissão marítima os barcos vão se revezando nas posições. Exceto o chamado “barco do presente”, que segue durante horas,



soberano a escolher o melhor local para lançar as cestas dos presentes, ou melhor, entrega-las às graças da Rainha do Mar. No cortejo marítimo, enquanto os barcos trocam de posições os embarcados costumam realizar umas brincadeiras bem divertidas, como o tradicional banho de balde: “onde as embarcações passam bem perto uma da outra e tentam surpreender os ocupantes desprevenidos. Baldes e baldes de água do mar tão pura e abençoada (devido ao forte calor) que não dá vontade de parar a brincadeira”.

O ritual de oferenda dos presentes em alto mar é realizado acerca de um momento bem expressivo, de muita oração e muitos cânticos entoados pelos integrantes da banda que seguem juntos, no barco do presente. Vale lembrar que a presença musical em cortejos marítimos é episódio que vem desde outros tempos, como podemos perceber através do relato de Thomas Lindley, datado de 1802 no livro Fluxo e Refluxo do tráfico de escravos entre o Benim e a Bahia de Todos os Santos de Pierre Verger:

“(…) as bandas de músicos que passavam freqüentemente perto do forte em grandes canoas, tocando no caminho rumo às aldeias vizinhas da baía, para comemorar o aniversário de algum santo ou outra festividade privada. Esses músicos são todos negros e que foram músicos itinerantes desde tempos imemoriais”. (VERGER, 2002,p,536).

Os cânticos harmoniosos entoados pelos músicos são constantemente amparados por um coro de vozes gerado pelos ocupantes das outras embarcações do cortejo marítimo, que no momento da oferenda organizam-se em círculo, dando um toque ainda mais simbólico e exclusivo a este instante do ritual. Não só de magia, mas de apreensão também. Porque reza a tradição, que, para que as oferendas sejam aceitas, devem mergulhar até o fundo, sinal de aprovação de Iemanjá. Se elas boiarem e forem devolvidas à praia, é sinal de recusa, para tristeza e decepção dos admiradores da divindade. No ínfimo da oferenda, alguns embarcados desfrutam do prazer do mergulho no oceano de águas profundas e azuis e saltam de seus barcos em performances mirabolantes. Transbordam felicidade em seus rostos a cada subida a tona, algo que nos contagia e nos convida a fazer o mesmo. Posteriormente à constatação de que a Rainha das Águas aceitou aos presentes ofertados se dá o retorno do cortejo. Este regressar transforma-se em lúdica regata para se entrar pela barra, com os capitães, um querendo demonstrar mais maestria que o outro ao deslizarem suas embarcações sobre as ondas que quebram fortemente na entrada da barra, como que brincando alegremente na plenitude de suas idades, tamanha a satisfação e entrega que proferiam a tal demonstração. Após ausentarmos o barco, ao chegarmos na praia com os pés na solidez das areias brancas, nos sentimos mais leves, abençoados e somos tomados por um estado de satisfação tão grande que finalmente podemos compreender as palavras de um dos moradores de Arembepe, com quem tivemos o prazer de dividir o lugar em uma das embarcações neste 2 de fevereiro. Que no momento da oferenda, lançava seus olhos para a vastidão do mar e assim dizia: *“Iemanjá, minha rainha, obrigado pela benção que derrama*

*em suas águas e por nos acolher em seu manto azulado, que ano após ano nos cobre de vida. Odò iyá, minha mãe”.*

#### **BIBLIOGRAFIA:**

AMADO, Jorge. **A Bahia de Todos os Santos: Guia de Ruas e Mistérios**. Rio de Janeiro, Record, 1983.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense s.a., 1982.

BASTIDE, Roger. Estudos Afro-Brasileiros, 3ª série, boletim 154 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1953.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro/ Luis da Câmara Cascudo**, 10. ed. Edição ilustrada- São Paulo: Global, 2001.

DURHAM, Eunice R. **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia** / Eunice Ribeiro Durham; organização de Omar Ribeiro Thomaz. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Santos, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a morte: Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia**; traduzido pela Universidade Federal da Bahia, Petrópolis, Vozes, 1986.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos** / Martine Segalen; tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

VERGER, Pierre. **Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo de Benin e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XVII a XIX**. / Pierre Verger; tradução Tasso Gadzanis. 4. ed.ver. Salvador: Corrupio, 2002.

\_\_\_\_\_. **Notas sobre o culto dos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil e na Antiga Costa dos Escravos, na África**, trad. Carlos Eugenio M. de Moura, EDUSP, São Paulo, 1999.